



Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em transformação

Série
Território
Científico

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Telma Bessa Sales é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), com mestrado (2000) e doutorado (2006) em História pela mesma instituição e pós doutorado na Universidade de Évora – Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral, reestruturação produtiva e patrimônio industrial. Fez estágio na Universidade La Sapienza (Roma) sob orientação do professor Alessandro Portelli. É membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios no Ceará (ICOMOS-CE), do Conselho Municipal de Patrimônio de Sobral e professora adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 2011.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará e Doutorado em Geografia pela UECE. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:
Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisa

Os mundos do trabalho em
transformação



Sobral - CE
2024

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Trajatórias de pesquisa - Os mundos do trabalho em transformação

© 2024 copyright by Telma Bessa Sales, Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Juliana Magalhães Linhares
Cícero João da Costa Filho
Regina Celi Fonseca Raick
Andreia Rodrigues de Andrade

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

T765 Trajetórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação. /
Organizado por Telma Bessa Sales, Antonio Jerfson Lins de Freitas. -
Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

274p.

ISBN: 978-65-5421-130-7 - papel
ISBN: 978-65-5421-131-4 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211314-2024

1. Pesquisa.
2. Ensino.
3. Trabalhos- Novas perspectivas.4. Sistemas de trabalho.
1. Sales, Telma Bessa. II. Freitas, Antonio Jerfson Lins de. III. Título.

CDD 331.117

A série Território Científico

Marco Machado

Jerfson Lins

Editora SertãoCult

Quando o Projeto Território Científico foi concebido há mais de quatro anos, as incertezas sobre o que a pandemia da Covid-19 nos traria eram muitas. O futuro era opaco para previsões otimistas diante do quadro de milhares de mortos diariamente, apenas no Brasil.

Mas se o contexto era absolutamente assustador, pelo menos pudemos ter confirmada a resiliência dos pesquisadores brasileiros, que apesar de imersos em um cenário de carência de recursos financeiros e técnicos, ou-saram produzir como nunca, adequando-se àquela realidade, aprendendo a utilizar as ferramentas e tecnologias de informação e comunicação, paradoxalmente ficando ainda mais próximos do que antes da clausura imposta pelo vírus.

A tsunami de lives e eventos virtuais passou assim como chegou. O cansaço de assistir a intermináveis sessões diante das telas cobrou seu preço e a busca pelo contato físico suplantou o medo de sair às ruas. Parece que havia sido em outra vida que podíamos reunir centenas de pessoas em um auditório para discutir alguma pesquisa, ou simplesmente reunir meia dúzia de amigos ao redor de uma mesa para conversar sobre assuntos banais.

Parece que foi em outra vida também que, a partir da série Território Científico, a editora SertãoCult convidou os membros de seu conselho para organizarem entrevistas com renomados pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Muito material foi gerado a partir de tal iniciativa, um riquíssimo acervo que já originou quatro livros e agora traz à luz mais um volume, *Trajétórias de pesquisa: os mundos do trabalho em transformação*.

Em mais uma parceria, Telma Bessa e Jerfson Lins reuniram grandes pensadores, de diversas universidades, para falarem sobre o mundo do trabalho, sobre suas carreiras e pesquisas. Mais do que uma aula sobre a realidade vivida pelo trabalhador no século XXI, este livro nos permite enxergar o mundo com os olhos treinados de alguns dos mais respeitados pesquisadores da temática.

Foram, com este, cinco grandes livros produzidos e disponibilizados gratuitamente em formato e-book no escopo do projeto. Foram dezenas de entrevistadores e entrevistados e horas de conteúdo, fontes imprescindíveis para jovens pesquisadores interessados em um aprender com quem realmente sabe sobre o tema.

Brindemos a mais este sucesso! Outros estão a caminho.

Sobral-CE, abril de 2024.

Apresentação

Há três anos nadamos nas águas profundas e agitadas enfrentando a pandemia da Covid-19 (2020-2021) no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a crise sanitária foi acompanhada de uma crise política, econômica e social que expressou arroubos autoritários, posturas negacionistas e desrespeito aos direitos trabalhistas, direitos humanos, direitos de mulheres etc.

Nesses dias de tempestades de uma demora de três anos, a criatividade, a imaginação, a leveza e o uso das tecnologias informacionais e digitais adentraram em nossas casas e até hoje compõem a maneira de realizar trabalho (no universo acadêmico, por exemplo) e entretenimento.

Navegando nesse mar revolto, criamos plataformas com lives, debates, entrevistas e livros. Este, que você tem em mãos agora, é fruto dessa conjuntura, do desejo de manutenção de relações e vínculos com professores e alunos do país. É possível hoje conhecer as narrativas de intelectuais estudiosos(as) do Brasil, que se colocaram disponíveis para veicular suas trajetórias no período pandêmico do século XXI, especialmente com a temática da pesquisa sobre os mundos do trabalho.

Gratidão é a palavra que cabe para todos(as) que construíram este livro. Agradecer pelo diálogo, aprendizado, dedicação e paciência antes, durante e depois das entrevistas filmadas e que você pode verificar a partir dos links disponíveis em cada narrativa.

Boa leitura e debates a partir da categoria *trabalho*, que continua provocador e contribui na revitalização do pensamento histórico e das ciências sociais/humanas.

Os organizadores

Sumário

O trabalho continua central na sociedade..... 11

Roberto Vêras de Oliveira – UFPB

Uma visão interdisciplinar sobre o trabalho no século XXI..... 15

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro - UESPI

Doi: 10.35260/54211314-2024.p22-40

Uberização e crise no mundo do trabalho: entrevista com César Sanson..... 23

César Sanson

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p42-70

Trabalho e gênero: entrevista com Helena Hirata..... 43

Helena Hirata

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p70-94

“As marisqueiras estavam lá, elas por elas mesmas”: entrevista com Luiz Henrique dos Santos Blume..... 71

Luiz Henrique dos Santos Blume

Cosma Silva de Araújo

Fannuel Santos Mesquita

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125

Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite.....97

Márcia de Paula Leite

Joannes Paulus Silva Forte

Telma Bessa Sales

Doi: 10.35260/54211314-2024.p126-138

Dialogar com os diversos setores da sociedade é importante na pesquisa e ensino: entrevista com Telma Bessa Sales..... 127

Telma Bessa Sales
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Joannes Paulus Silva Forte

Doi: 10.35260/54211314-2024.p140-165

Os sujeitos na luta pela terra: entrevista com Samuel Maupeou.....141

Samuel Maupeou
Telma Bessa Sales
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p166-186

O sindicalismo e o mundo do trabalho: entrevista com Marcelo Badaró Mattos.....167

Marcelo Badaró Mattos
Cosma Silva de Araújo
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p188-206

“Não dá para pensar a sociedade sem trabalho”: entrevista com Clarice Speranza..... 189

Clarice Gontarski Speranza
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p208-222

Pesquisa e empatia no mundo do trabalho: entrevista com Antonio Bosi..... 209

Antonio de Pádua Bosi
Fannuel Santos Mesquita
Viviane Prado Bezerra

Doi: 10.35260/54211314-2024.p224-242

“Boas questões fazem boas pesquisas”: entrevista com Fabiane Popinigis.....225

Fabiane Popinigis
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Doi: 10.35260/54211314-2024.p244-265

“Seria estranho se eu não tivesse optado por estudar o trabalho”: entrevista com William Mello.....245

William James Mello
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Cosma Silva de Araújo

Índice Remissivo.....267

Entrevistadores..... 273

Doi: 10.35260/54211314-2024.p96-125



Márcia de Paula Leite é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1972), com mestrado em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (1983) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1990). Fez pós-doutorado no Institute of Development Studies (IDS/ University of Sussex), em 1995, e no Institute of Latin American and Iberian Institute (ILAIS/Columbia University), em 1998. Atualmente é professora plena do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, e professora da Cátedra Friederich Engels da Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Cuajimalpa (UAM C). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: Mercados de trabalho, reestruturação produtiva, relações sociais de gênero. Foi presidente da Associação Latinoamericana de Estudos do Trabalho (ALAST), no período de 2010 a 2013.

Transformações capitalistas e (des)igualdades no mundo do trabalho: entrevista com Márcia de Paula Leite¹

Márcia de Paula Leite
Joannes Paulus Silva Forte
Telma Bessa Sales

Telma Bessa (UVA): Hoje é dia 13 de junho de 2020. Nós estamos com a professora Márcia de Paula Leite e o professor Joannes Forte em mais uma edição do projeto Território Científico, desenvolvido em parceria com a Editora SertãoCult, que é exatamente a editora responsável pela publicação de um e-book sobre as trajetórias dos pesquisadores dedicados ao mundo do trabalho. Inicialmente, agradecemos muitíssimo a sua disponibilidade e atenção com o nosso projeto.

Márcia Leite (Unicamp): É um prazer, Telma!

Joannes Forte (UVA): Obrigado Telma! Primeiro, quero agradecer a você pelo convite que fez para que nós tivéssemos este momento com a nossa convidada de hoje, a professora Márcia de Paula Leite, e agradecer a professora Márcia por ter aceitado o nosso convite e estar aqui nesta



¹ Entrevista realizada via *Google Meet* em 13 de junho de 2020. Confira a entrevista utilizando ou clicando no QR Code ao lado.

ocasião. Bom, é uma honra muito grande para mim, apresentar a professora Márcia Leite, que coordenou importante projeto temático sobre as contradições do trabalho no Brasil, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), do qual fui pesquisador associado, tendo a oportunidade de trabalhar diretamente com ela, que também foi minha orientadora no doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. Márcia, seja muito bem-vinda! É um prazer muito grande ter você aqui conosco!

Márcia Leite: Eu é que agradeço o convite que vocês me fizeram. É um prazer estar aqui para esta conversa. Acho que é muito interessante essa ideia de fazer as entrevistas com vários/as pesquisadores/as e acho que essa ideia de buscar trajetórias de pessoas que já têm mais experiência e que têm anos de trajetórias rodadas é uma coisa muito interessante. Abre muitas questões e muitas reflexões para essa geração mais nova que está vindo.

Telma Bessa: É exatamente nessa dimensão que nós achamos fundamental o diálogo, porque nos artigos científicos dos grandes estudiosos, aos quais nós temos acesso, não trazem informações sobre a trajetória, a forma da pesquisa, as dificuldades... Então, este livro e esta entrevista vêm com essa perspectiva de tentar perceber o caminho do pesquisador. Uma das primeiras questões seria assim: quais as motivações que a levaram a abraçar essa temática do mundo do trabalho e das transformações no trabalho?

Márcia Leite: Bem, a primeira questão que eu teria que colocar seria quais as motivações que me levaram a fazer Sociologia. Eu me lembro, como se fosse hoje, que eu fui fazer o cursinho para me preparar para fazer o vestibular, em 1967, e eu fui fazer o cursinho do Grêmio, que na época era o melhor cursinho de preparação para o vestibular que existia, pelo menos em São Paulo. Eu cheguei lá e a pessoa que estava atendendo os estudantes que chegavam perguntou: “Para que curso você vai fazer o cursinho?” E eu falei assim: “Não sei!” Aí ele disse: “Bom, então vamos começar desde o começo! É Humanas, Exatas ou Biológicas?” “Bem, eu tenho certeza que é Humanas, agora qual, eu não sei”, respondi. “Então você vai entrar numa classe especial que tem aula todos os dias, mas tem aula também aos sábados, ele afirmou. “E nós convidamos, cada sábado, um professor de uma área diferente das Humanas para vir explicar o que é

o mercado de trabalho dessa área e o que faz um profissional dessa área, quais são as possibilidades de emprego e de trabalho etc. e tal”. No dia que foi o professor de Sociologia, eu falei assim; “É esse! Não tenho mais dúvida. É isso que eu quero!” E aí eu fui fazer Sociologia.

Entrei realmente nesse primeiro ano em que prestei o vestibular e entrei num momento super conturbado, em 1968, com milhares de manifestações estudantis, das mulheres, dos jovens, evidentemente entrei nesse movimento todo. Entrei na USP e fui fazer o curso. No curso já ficou claro para mim que essa questão do trabalho era essa entrada para entender a sociedade. Então, eu já fui me direcionando para os estudos do trabalho e quando eu terminei o curso, eu dei um tempinho de dois anos para começar o mestrado. Quando comecei o mestrado, eu já sabia o que queria fazer, eu queria analisar a questão do trabalho. E o meu mestrado foi sobre as greves durante o governo João Goulart. As greves, os movimentos grevistas do governo João Goulart, qual o sentido dessas greves e como é que os sindicatos se comportaram etc. E aí eu já estava com um pé na Sociologia do Trabalho e continuei nessa área. Fiz o doutorado analisando como os trabalhadores vivenciavam a entrada das novas tecnologias, isso já era nos anos 1980, quando já estava começando a entrar a tecnologia microeletrônica nas fábricas e essa questão me chamou muito a atenção. É muito interessante que a cada momento que eu terminava um trabalho, eu já tinha uma ideia de coisas que eu não tinha feito e que gostaria de ter feito, me propondo a fazer no momento seguinte. Isto está me vindo à cabeça agora que estou falando com vocês. E por quê? Porque quando estava fazendo minha dissertação de mestrado, eu me detive mais à questão histórica. Eu queria ver como é que tinha sido o movimento operário e sindical durante o momento anterior à ditadura. Queria também entender o porquê do golpe, o porquê da ditadura militar e o que isso teve a ver com o movimento sindical e operário. Mas quando eu estava terminando a minha tese, o movimento sindical tinha renascido, porque eu fui defender a tese só em 83. Então, já desde 78 já tinha havido, já tinha irrompido o novo sindicalismo e eu dizia assim: “Gente, eu estou aqui estudando os anos 60... eu quero estudar o que está acontecendo agora!”. Então essa ideia de estudar o que estava acontecendo naquele momento e de estudar a partir de uma perspectiva menos das instituições, como eu estudei durante o mestrado, que eram os sindicatos, os partidos, mas a experiência dos próprios trabalhadores so-

bre aquilo que estava acontecendo naquele momento, que era a introdução das novas tecnologias, foi o meu tema de doutorado.

A minha pesquisa de doutorado foi na indústria mecânica, que é uma indústria eminentemente masculina, na época só tinha homens. Quando terminei o doutorado, eu dizia assim: “Gente, eu quero estudar a divisão sexual do trabalho!” Essa questão já tinha assumido uma dimensão muito importante, que não tinha tido anteriormente, e já tinha ficado claro, para mim, que não dava para estudar o trabalho masculino como sendo universal, quer dizer, que tinha uma divisão sexual do trabalho que fazia com que as mulheres ocupassem um determinado lugar no mercado de trabalho e, portanto, analisar o trabalho das mulheres não era simplesmente um tema, era uma questão que tinha de estar presente ou você estaria olhando só um lado da realidade; o que é pior, tomando esse lado da realidade como se ele fosse o todo. Então, depois que eu terminei a minha tese de doutorado, eu comecei a dirigir as minhas pesquisas ou a introduzir nas minhas pesquisas a questão da divisão sexual do trabalho. É muito interessante que nas universidades paulistas, depois do doutorado ainda tem dois níveis, que é a Livre Docência e depois a Titulação. Aí, na minha Titulação, o ponto que caiu para eu dar aula foi sobre a divisão sexual do trabalho, trabalho das mulheres etc. E então isso mostra, um pouco, qual foi a minha trajetória, qual foi o meu caminho.

Joannes Forte: Professora Márcia, uma coisa que se destaca muito da sua trajetória profissional e acadêmica é a vasta produção que você elaborou ao longo de décadas de dedicação exclusiva ao trabalho. São dezenas de artigos, são

Essa questão já tinha assumido uma dimensão muito importante, que não tinha tido anteriormente, e já tinha ficado claro, para mim, que não dava para estudar o trabalho masculino como sendo universal, quer dizer, que tinha uma divisão sexual do trabalho que fazia com que as mulheres ocupassem um determinado lugar no mercado de trabalho e, portanto, analisar o trabalho das mulheres não era simplesmente um tema, era uma questão que tinha de estar presente ou você estaria olhando só um lado da realidade; o que é pior, tomando esse lado da realidade como se ele fosse o todo.

dezenas de livros, livros organizados, pesquisas, dezenas de orientandos de mestrado e doutorado, e você é pesquisadora 1A do CNPq, é bolsista de produtividade 1A do CNPq. A pergunta que farei agora tem conexão com essa sua trajetória profissional e acadêmica. Como foi, na sua trajetória, ser uma mulher pesquisadora, inserida no campo de estudos do trabalho, inicialmente com tantos pesquisadores homens, pesquisando sobre esse tema?

Márcia Leite: Como toda mulher, eu tive problemas. Embora exista também uma divisão sexual do trabalho na academia, a gente vê que, por exemplo, os diretores, os reitores, em geral, são homens e as mulheres estão como professoras. Mas na academia eu não senti tanto, até porque eu nunca tive essa pretensão de seguir uma trajetória mais administrativa. Eu acho que o meu lugar foi na docência, na pesquisa, é isso que eu gosto de fazer na vida. Então, por isso eu não sofri muito. Eu tive algumas dificuldades, por exemplo, com gerentes de empresa, mas nada que tenha chegado a impedir o meu trabalho. Foram dificuldades, mas eu consegui ir me equilibrando entre essas dificuldades.

Mas a maior dificuldade que eu tive na minha vida acadêmica, na minha vida profissional, foi da divisão sexual do trabalho mesmo, na divisão doméstica do trabalho. Eu tinha um filho que era muito pequenininho quando eu fiz o meu mestrado e ainda era pequeno quando fiz o meu doutorado, e aí, eu vou dizer que foi uma barra! Foi uma barra porque cada vez que eu estava estudando, eu me sentia culpada porque eu não estava cuidando do meu filho. Cada vez que eu estava cuidando do meu filho, eu me sentia culpada porque não estava fazendo a minha tese. Na dissertação de mestrado isso foi muito difícil para mim, foi realmente uma batalha bastante complicada e ela me acompanhou até que meu filho chegasse aos 15, 16 anos e já tivesse uma vida mais independente dos meus cuidados cotidianos. Mas enquanto ele era pequeno, isso realmente me acompanhou.

Telma Bessa: No ano 2000, os jornais estamparam a chegada da tecnologia nas fábricas e, junto com isso, o temor do desemprego. Nas suas pesquisas, tanto no mestrado como no doutorado, você vivenciou essa temática. Como era a incorporação dessa tecnologia no cotidiano desses trabalhadores?

Márcia Leite: Bom, foi muito interessante porque a primeira entrevista que eu fiz com os sindicalistas, antes de ter escolhido as fábricas que eu ia pesquisar, um sindicalista disse assim para mim (era um sindicalista do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC): “Olha, professora, o nosso lema aqui é o seguinte: – entrou robô, nós quebra –”. Então, era uma postura do sindicato muito contra as novas tecnologias. Mas depois que eu fui para as fábricas e comecei a conversar com a comissão de fábrica, com os trabalhadores, com os trabalhadores que inclusive não tinham uma relação tão forte com o sindicato, foi ficando claro para mim que eles tinham, aliás essa é a conclusão da minha tese de doutorado, eles tinham uma relação que era ao mesmo tempo de recusa, porque eles tinham medo do desemprego, eles tinham medo de que eles não iriam conseguir acompanhar aquele avanço tecnológico, eles tinham medo que eles iriam ficar para trás. Eles tinham medo que eles iriam ser mais explorados ainda, enfim, eles tinham muito receio em relação a essa nova tecnologia. Mas ao mesmo tempo que ela exercia medo sobre eles, ela também exercia uma atração. E essa atração era a atração pelo progresso tecnológico, pelo que era novo, pelo fato de descobrir, de entender uma tecnologia que era muito mais produtiva, então até havia uma certa disputa entre eles na fábrica para ver quem ia trabalhar naquelas máquinas. Então, era uma relação um pouco contraditória, era uma relação ambígua com essas novas tecnologias e que na minha preparação para a tese eu li muito, estudei muito o Thompson nessa época e eu compreendi como o Thompson, se referindo à classe trabalhadora inglesa, lá na passagem para o capitalismo, como a reação dela era também dessa forma, usando os termos dele, os “olhos no futuro”, quer dizer, ela vivia o presente com os olhos no futuro, mas ao mesmo tempo apegada às tradições, a valores do passado, e que acaba tendo esse efeito ambíguo sobre ela, quer dizer, um certo medo do novo, das transformações que estavam vindo, mas ao mesmo tempo uma esperança de que esse novo pudesse vir trazendo dias melhores para ela também.

Joannes Forte: Como você vê, como pesquisadora da área do trabalho, a importância nos estudos de gênero para compreender os mundos do trabalho?

Márcia Leite: Quando eu estava terminando o meu doutorado, sentia que eu precisava fazer uma pesquisa que introduzisse a questão de gênero, porque na verdade, o trabalho masculino é diferente do trabalho feminino

e, até então, havia uma certa tendência na Sociologia do Trabalho, de uma forma geral, de tomar o masculino como universal, como se o trabalho da maneira como ele era vivenciado pelos homens, fosse a experiência do trabalho humano, enquanto não é isso! Na verdade, o trabalho feminino é uma coisa e o trabalho masculino é outra. E porquê que é assim? É assim porque existe uma divisão sexual do trabalho que responsabiliza basicamente as mulheres pelo trabalho de reprodução social, ou seja o trabalho de cuidado, o trabalho doméstico, o trabalho de cuidado com a nova geração, de cuidar e criar a nova geração, como se a manutenção da espécie fosse uma coisa que só tivesse a ver com as mulheres, como se metade da espécie humana não tivesse nada a ver com a reprodução social. Claro que tem! Mas existe essa concepção, essa construção social, porque isso é uma construção social, de que esse papel da reprodução é um papel “basicamente” ou “eminentemente” ou “naturalmente”, entre um montão de aspas, feminino, que a gente sabe que não é assim. Isso é uma construção social, não há nada na natureza que diga que é a mulher que, basicamente, tem de se responsabilizar pela criação das novas gerações, pela saúde, pelas dificuldades cotidianas que significa a criação de uma nova geração. Então, o que acontece é que, por causa dessa divisão sexual do trabalho, as mulheres não têm a mesma possibilidade de inserção no mercado de trabalho que os homens têm e então elas vão procurar determinadas atividades que permitem alguma flexibilidade de horário para que elas possam também se dedicar aos cuidados dos filhos.

Então, elas vão procurar empregos ou trabalhos que tenham essa flexibilidade, que em geral são empregos precários, que são empregos de seis horas ou de

Na verdade, o trabalho feminino é uma coisa e o trabalho masculino é outra. E porquê que é assim? É assim porque existe uma divisão sexual do trabalho que responsabiliza basicamente as mulheres pelo trabalho de reprodução social, ou seja o trabalho de cuidado, o trabalho doméstico, o trabalho de cuidado com a nova geração, de cuidar e criar a nova geração, como se a manutenção da espécie fosse uma coisa que só tivesse a ver com as mulheres, como se metade da espécie humana não tivesse nada a ver com a reprodução social. Claro que tem!

Então, elas vão procurar empregos ou trabalhos que tenham essa flexibilidade, que em geral são empregos precários, que são empregos de seis horas ou de meio período de quatro horas, muitas vezes empregos informais, empregos não, trabalhos por conta própria, através dos quais elas podem ter alguma inserção na estrutura ocupacional, no mundo do trabalho sem que isso signifique que ela não continue presente no cotidiano do trabalho doméstico, e isso faz com que haja uma segmentação no mercado do trabalho, ou seja, as mulheres não estão em qualquer trabalho. Elas estão eminentemente nesses tipos de trabalho que são exatamente os trabalhos menos privilegiados, menos reconhecidos, os trabalhos que pagam menos, os trabalhos onde elas têm menos possibilidade de ascensão profissional, de fazer carreira etc.

meio período de quatro horas, muitas vezes empregos informais, empregos não, trabalhos por conta própria, através dos quais elas podem ter alguma inserção na estrutura ocupacional, no mundo do trabalho sem que isso signifique que ela não continue presente no cotidiano do trabalho doméstico, e isso faz com que haja uma segmentação no mercado do trabalho, ou seja, as mulheres não estão em qualquer trabalho. Elas estão eminentemente nesses tipos de trabalho que são exatamente os trabalhos menos privilegiados, menos reconhecidos, os trabalhos que pagam menos, os trabalhos onde elas têm menos possibilidade de ascensão profissional, de fazer carreira etc. Então, isso é uma segregação horizontal, ou seja, tem determinados tipos de trabalho em todo o mercado de trabalho que são masculinos e têm determinados tipos de trabalho que são eminentemente femininos, porque são esses trabalhos que permitem uma certa flexibilidade para que as mulheres possam também cuidar da reprodução.

Além disso, existe uma segmentação vertical, quer dizer, quando as mulheres entram em grandes empresas, inclusive no setor industrial, que é um setor muito mais masculino do que feminino, o que acontece? Elas em geral experimentam um “teto de vidro” que não lhes permite subir na hierarquia empresarial, não lhes permite acessar os cargos de mando, os cargos de maior decisão. Por quê? Por-

que também se concebe que isso não é um papel das mulheres. O papel das mulheres não era ficar em casa tomando conta das crianças? Como é que de repente elas vão ter subordinados dentro das empresas, a quem elas vão dar ordens? Quer dizer, fica meio desequilibrado. Então existe também “esse teto de vidro” que promove uma segmentação vertical. Normalmente as mulheres não entram em determinados setores e, quando elas entram, ainda estão nos postos mais baixos.

Tem uma outra questão também, que é a seguinte: esses postos mais altos, esses trabalhos mais valorizados, que são em geral os masculinos, ocupados pelos homens, podem exigir dos trabalhadores uma dedicação muito grande em relação ao trabalho, porque tem uma mulher em casa cuidando das crianças, da comida, de fazer o supermercado, de lavar a roupa, de passar a roupa, de limpar a casa, de fazer tudo aquilo que é necessário para a reprodução e eles podem trabalhar oito, dez horas por dia sem muita preocupação. Eles não precisam brigar com a empresa para que permita assistir à reunião da escola dos filhos porque a mulher vai. Eles não precisam reivindicar que a empresa lhes dê dias de faltas justificadas quando os filhos estão doentes, porque as mulheres ficam com eles. Então, isso permite também que o homem tenha uma relação de trabalho de muito maior disponibilidade do que a mulher pode ter. Isso tudo, evidentemente, tem a ver com o tipo de trabalho que os homens e as mulheres exercem e com a dedicação possível ao trabalho que os homens e as mulheres possuem. Isso em relação, digamos, a essa divisão sexual do trabalho, em relação às implicações dessa divisão sexual do trabalho para os homens e para as mulheres. É isso que permite que no Brasil tenha cinco dias de licença de paternidade para os homens e três a seis meses, dependendo da empresa, para as mulheres. É um absurdo um homem ter apenas cinco dias de licença de paternidade quando o filho acabou de nascer. É uma coisa completamente absurda! Mas isso tem um efeito também muito grande quando a gente pensa na economia como um todo.

Tem um livro que foi lançado, eu acho que em 2018 ou 2019, publicado em inglês, e também foi publicado em português, lançado pela editora Boitempo. Ele é da Nancy Fraser e da Rahel Jaeggi e chama-se “*Capitalism: A conversation in critical theory*” (Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica). Ele mostra, na verdade, como é essa divisão sexual do trabalho em que o trabalho produtivo é considerado como trabalho masculino

e o trabalho doméstico, o trabalho de reprodução, é considerado trabalho feminino. Como isso foi e é fundamental para a constituição e para a reprodução ampliada do capital, ou seja, para a reprodução do capitalismo, porque se não houvesse a reprodução social, a humanidade teria acabado. Então, alguém teve de reproduzir novas gerações até para que a humanidade continuasse, para que existam trabalhadores disponíveis para trabalhar para o capital, e quem faz isso são as mulheres. Então as mulheres têm um papel na reprodução do capitalismo, nesta reprodução ampliada do capital, que é muito grande, que é fundamental e, nesse sentido, elas também são exploradas e muito, porque elas fazem esse trabalho de graça. É o trabalho delas que permite que os homens tenham essa dedicação ao trabalho, que permite que os homens possam passar tanto tempo diariamente trabalhando, mas o trabalho delas não é remunerado. Elas têm um papel enorme na reprodução do capital, mas ao mesmo tempo esse papel simplesmente não é reconhecido pela sociedade, não é remunerado. Então, é uma situação bastante complicada. De forma indireta, é uma exploração do capital.

Telma Bessa: As mulheres estão muito mais alijadas desse processo de entrar nessa era e na produção na qual a moeda é o conhecimento. Essa mutação, essa transformação do trabalho cada vez desnuda mais essa desigualdade. Então, que mutação é essa? O que é essa transformação do trabalho que a gente viu de uma forma nos anos 2000 e agora passa por um processo de Uberização? O que é esse trabalho, essa transformação do trabalho, esse trabalho tecnológico, essa mutação que se fala hoje de uma revolução 4.0? Como é isso, professora?

Márcia Leite: Bom, só para terminar, porque acho que uma coisa vai complementar a outra, o que isso tudo que eu falei anteriormente quer dizer, é que a exploração do trabalho da mulher é constitutiva do capitalismo. Ele precisou fazer isso para garantir uma dedicação dos homens tão grande ao trabalho sem comprometer a reprodução social, sem comprometer que surjam novas gerações de trabalhadores à disposição do capital. Bom, o que significa isso quando a gente considera essa revolução tecnológica atual? Eu acho que a gente tem de levar em consideração que a revolução tecnológica tanto cria trabalhos mais qualificados, trabalhos que vão ter o contato direto com essas novas tecnologias, trabalhos que vão significar a utilização dessa nova tecnologia no processo de produção e que podem se tornar mais qualificados. Como você pode ter trabalhos que, na verdade,

vão se tornar cada vez menos qualificados, porque na verdade a questão é a seguinte: a tecnologia em si não é nem qualificadora nem desqualificadora. A tecnologia é um processo de desenvolvimento tecnológico em que você dá um passo no sentido de ter, de produzir uma tecnologia mais complexa, mais sofisticada, que para compreendê-la você vai ter um trabalho mais qualificado, mas ela pode ser utilizada para transformar o trabalho numa atividade sem conteúdo, num trabalho repetitivo. O fordismo foi isso. A gente viu como foi isso! Na minha pesquisa de doutorado eu descobri coisas muito interessantes, de como a tecnologia pode ser utilizada de forma a impedir que os trabalhadores tenham um trabalho mais qualificado.

Eu pesquisei duas empresas. As máquinas, naquela época, eram movidas a disquetes, eram disquetes, não tinha nuvem etc. Você tinha um programa, enfiava num disquete e o disquete na máquina. E a máquina passava a operar a partir daquilo que o disquete estava dizendo para ela fazer. Essa programação da máquina era feita no Departamento de Métodos e Processos. E os trabalhadores, o que eles faziam? Eles pegavam esses disquetes e os agilizavam. Numa das empresas, eles agilizavam os disquetes, porque quem tinha o contato com a máquina eram eles, embora a empresa não os deixasse fazer o disquete, deixava que eles mexessem no disquete, então melhorassem aqui, melhorassem ali... Eles chamavam “agilizar o programa”. Então os trabalhadores “agilizavam o programa” e tornavam o programa melhor. Quem fazia isso eram os operários porque eles conheciam a máquina (essa primeira empresa era uma empresa sueca).

Na segunda empresa, não! Não acontecia isso! O que é que acontecia? Era uma empresa brasileira do interior de São Paulo que tinha uma forma de gestão mais patriarcal, então, ainda trabalhava com o prêmio de produção. E essa empresa não deixava os trabalhadores agilizarem os disquetes, os programas, porque eles achavam que os trabalhadores não tinham que pôr a mão no programa porque se pusessem iam atrapalhar, iam desfazer coisas que o Departamento de Métodos e Processos tinha conseguido fazer. E tinha um trabalhador que eu entrevistei, eu perguntei: “você mexe no disquete?” Aí ele falou assim para mim: “Ah, professora, eu vou falar uma coisa, mas a senhora não pode falar para ninguém! Eu tenho um disquete que é meu. Quando chega o disquete do Departamento de Métodos e Processos eu copio ele no disquete que eu compro e que é meu. E aí o que eu faço? Eu agilizo ele! Torno mais rápido e com isso eu consigo ganhar

muito mais prêmios de produção. Mas eu não falo isso para a empresa e não falo isso para ninguém porque, em primeiro lugar, se eu disser eu vou ser castigado, porque eu não devo fazer isso e, em segundo lugar, porque eles vão aumentar a produção que eu tenho que ter para ganhar o prêmio de produção”. Então, esse trabalhador ganhava bastante prêmio de produção desta forma, ou seja, ele tinha um conhecimento que a empresa, pela forma de gestão que ela adotava, permitia que os trabalhadores pudessem melhorar a programação feita no Departamento de Métodos e Processos.

Mas com isto tudo, quero dizer o seguinte: quando a gente compara duas formas de gestão da mão de obra, a gente vê uma que tem uma forma de gestão que permite aos trabalhadores irem se desenvolvendo porque, quanto mais eles mexem, testam, mais eles ficam, por isso mesmo, conhecendo toda a programação da máquina. Enquanto na segunda empresa, não! Eles estão lá como apertadores de botão. Se der algum problema, volta para o Departamento de Métodos e Processos e os trabalhadores ficam ali parados. E a questão não é se eles estão parados ou não, a questão, para a nossa discussão, é que eles não estão aprendendo nada! Ou quando estão aprendendo, é apesar da empresa, a partir de um esforço próprio, apesar das formas da organização da empresa. Então, você tem desde as pessoas, hoje, com essa tecnologia 4.0, tudo isso que está vindo, você tem, desde os programadores, que estão aprendendo cada vez mais programas mais sofisticados, até o Uber ou motorista de Uber. O tipo de trabalho que está surgindo e vai surgir ainda quando essa tecnologia continuar sendo implementada, porque nós estamos muito no início dela ainda, vai depender de como ela for utilizada e o que a gente tem que entender é que, na verdade, a forma como as empresas se utilizam da tecnologia não é, em geral, a forma que permite uma qualificação mais efetiva da mão de obra. Por que? Porque o trabalhador qualificado é sempre mais bem pago. E as empresas não querem. Querem é ter uma massa de trabalhadores desqualificados para poder pagar salários mais baixos para terem maiores lucros. É essa a lógica do capitalismo, para poder extrair mais-valia e ter mais lucros no final das contas. Essa é sem dúvida a lógica do capitalismo.

Então, se depender só das empresas, elas vão continuar criando muito trabalho desqualificado e aí vai toda uma luta. Por exemplo, a questão dos motoristas de Uber. Por que o trabalho deles não é reconhecido como trabalho formal? Não tem um motivo, um porquê de não reconhecer esses

motoristas como trabalhadores, porque eles estão totalmente subordinados a ela, eles têm, inclusive, castigos que sofrem caso não sigam explicitamente, rigidamente aquelas normas que a empresa coloca para eles. A subordinação é óbvia! Então, por que eles não têm vínculo? Evidentemente porque as empresas não querem. E vai ter que ter todo um processo de lutas, que na verdade já está tendo, e em alguns lugares eles estão conseguindo isso e eu acho que daqui para frente vai-se conseguindo cada vez mais porque é uma questão mais ou menos evidente, mas vai depender da luta deles, porque as empresas simplesmente não querem e não vão fazer, e eles vão ter que lutar, e lutar muito.

Bom, aí na divisão sexual do trabalho, o que é que acontece? Além da segregação horizontal e vertical do trabalho, que eu já falei, a segregação no mercado de trabalho por gênero, existe uma outra questão, que é a seguinte: toda a vez que determinada profissão se feminiza, ela perde a importância, em termos salariais, em termos de reconhecimento porque isso tem a ver com a imagem do homem e da mulher. O homem é que está lá, está produzindo, que está se dedicando o dia inteiro na empresa e a mulher está lá em casa cuidando dos filhos. Então, este modelo de mulher, ele não condiz muito com um trabalho mais qualificado, um trabalho que exige mais empenho das mulheres, que exige mais qualificação. Mesmo na profissão que anteriormente foi considerada qualificada, como a de professor, no momento em que ela se feminizou, ela começou a ser considerada pouco qualificada e mal paga. Hoje, quase ninguém consegue manter uma família com um salário de professor da educação básica e fundamental. A mesma coisa está acontecendo com o setor de saúde, que é um setor que também vem se feminizando de uma forma muito rápida, hoje a gente tem quase 70% do setor da saúde nas mãos de mulheres e é um setor que

[...] toda a vez que determinada profissão se feminiza, ela perde a importância, em termos salariais, em termos de reconhecimento

Mesmo na profissão que anteriormente foi considerada qualificada, como a de professor, no momento em que ela se feminizou, ela começou a ser considerada pouco qualificada e mal paga. Hoje, quase ninguém consegue manter uma família com um salário de professor da educação básica e fundamental.

vem sendo cada vez mais mal pago e que também tem menos reconhecimento social em relação ao que tinha anteriormente. Isso está muito claro no livro da Elisabeth Lobo: quanto mais uma profissão se feminiza, mais ela vai sendo desvalorizada, seja em termos salariais, seja em termos de reconhecimento social.

Joannes Forte: Qual o lugar das relações estruturais de raça, de classe, de gênero, dentre outras, nesse fenômeno de superexploração do trabalho, e ao mesmo tempo, no processo de desregulamentação dos direitos já conquistados com a luta da classe trabalhadora? As relações entre classe, raça e gênero nos mostram um cenário contemporâneo do mundo do trabalho?

Márcia Leite: Olha, eu acho que essa questão do imbricamento entre classe, gênero e raça é fundamental para a gente compreender o trabalho e também é fundamental para a gente entender o capitalismo. Por que? Porque o capitalismo se baseou numa determinada forma de exploração, que é essa exploração, pela mais-valia, dos homens. Que é a exploração de classe; numa determinada forma de exploração das mulheres, que é essa que coloquei aqui, de simplesmente relegá-las a um papel na sociedade, de um trabalho que não é pago. E a um trabalho dos negros, que é de expropriação total, que foi durante séculos, de escravização. Então, nesse livro que eu falei, da Nancy Fraser e da Rachel Jaeggi, elas vão falar isso de uma forma muito interessante; esses são os três pilares de constituição do capitalismo: a exploração do trabalho principalmente masculino, a dominação das mulheres por meio do trabalho doméstico não remunerado, do trabalho de reprodução social e a expropriação da população negra, que foi expropriada das suas terras, dos seus países, da sua pátria, separada das suas famílias, levada para outros continentes e para trabalhar como se fossem animais sem direito nenhum, durante séculos. Isso tudo foi o processo de acumulação primitiva do capital, isso tudo foi o processo de constituição do capitalismo.

Então, o capitalismo se constituiu sobre esses três pilares: a dominação de classe, a dominação de gênero e a dominação de raça. Não é à toa que essas três formas de dominação se perpetuaram e estão aí até hoje. Aliás, os últimos acontecimentos mundiais nos Estados Unidos e que se tornaram mundiais, são uma expressão disso. Por que até hoje os negros são tratados como são nos Estados Unidos, no Brasil, onde se mata uma

quantidade enorme de negros, que são os mais pobres, que estão nas favelas, enfim, toda essa realidade que a gente já conhece suficientemente dos nossos estudos de Sociologia, lá na nossa formação inicial. Então, isso é constitutivo do capitalismo e eu acho que isso só dá para entender realmente no mercado de trabalho quando a gente olha esse mercado, o analisa a partir desses três vetores, porque senão a gente está tomando

o trabalhador de uma forma única, como se não houvesse diferenciação de gênero, de raça e de classe e a gente não consegue entender o que acontece. Quando a gente olha os dados sobre o mercado de trabalho, nós vamos ver que inclusive, as mulheres brancas estão em alguns postos ou em algumas situações mais vantajosas, inclusive, com relação aos homens negros. Então, tem algumas situações, por exemplo, em relação ao desemprego, em relação ao trabalho formal e informal, em relação ao assalariamento, quanto ganha em média, tem algumas situações em que os homens negros estão um pouco melhor, mas tem algumas situações em que as mulheres brancas estão, inclusive, numa posição superior em relação aos homens negros.

Então, evidentemente que as mulheres negras estão sempre no último lugar dessa escadinha. Os homens brancos na escala superior, as mulheres negras na escala inferior e no meio você tem as mulheres brancas e os homens negros, que ficam ali, em alguns casos, os homens negros estão acima e em alguns casos as mulheres brancas estão acima. Por que é que acontece isso no mercado de trabalho? Porque nós temos uma divisão que é sexual e uma divisão que é de raça também. É muito difícil. Nós temos uma segregação de raça no mercado de trabalho que tem a ver, em parte com a escolarização, com o fato de os negros serem mais pobres etc., mas que tem a ver também com a discriminação. Quando a gente compara homens negros e homens brancos ou mulheres negras e mulheres brancas na mesma profissão ou no mesmo tipo de tarefa, em geral as mulheres brancas ganham melhor que as mulheres negras e os homens brancos ganham mais do que os homens negros, ou seja, existe também

Então, o capitalismo se constituiu sobre esses três pilares: a dominação de classe, a dominação de gênero e a dominação de raça. Não é à toa que essas três formas de dominação se perpetuaram e estão aí até hoje.

Então, evidentemente que as mulheres negras estão sempre no último lugar dessa escadinha. Os homens brancos na escala superior, as mulheres negras na escala inferior e no meio você tem as mulheres brancas e os homens negros, que ficam ali, em alguns casos, os homens negros estão acima e em alguns casos as mulheres brancas estão acima. Por que é que acontece isso no mercado de trabalho? Porque nós temos uma divisão que é sexual e uma divisão que é de raça também.

essa discriminação de gênero e de raça e existe também para os negros uma dificuldade de assumir tarefas de mando, ou cargos de mando, por quê? Porque existe discriminação e porque, assim como não se entende que as mulheres vão mandar, imagina, vai ter duzentas pessoas subordinadas às ordens de uma mulher?! Não vai, não é? A mesma ideia existe em relação aos negros. Como assim, o diretor da empresa vai ser um negro? Ninguém vai levar a sério as ordens dessa pessoa! Enfim, não é a mesma dificuldade, é uma dificuldade diferente, mas que tem como fundo o mesmo fenômeno, ou seja, a questão da discriminação, porque esse não é entendido como um papel de mulheres ou esse não é entendido como um papel de negros, mesmo que sejam homens, mas eles são negros, então, não é o papel deles.

Não dá para se entender o mercado de trabalho como uma coisa única. A gente tem que entender como uma coisa que tem diferenças e essa divisão de classe, de gênero e de raça que algumas pesquisadoras e pesquisadores chamam de *interseccionalidade*, ou seja, só dá para analisar o mercado de trabalho olhando esses três aspectos ao mesmo tempo. Outros chamam, as francesas em geral e os franceses, chamam de *consustancialidade*. No Brasil, a Heleieth Saffioti² chamava de “nó”, que já dá para ver o que é que acontece quando a gente vê que tem um “nó” ali, que junta essa questão de classe, de gênero e de raça, é fundamental, senão a gente não entende o que está acontecendo no mercado de trabalho.

2 Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (Ibirá, 4 de janeiro de 1934 - 13 de dezembro de 2010) foi uma socióloga marxista, professora, estudiosa da violência de gênero e militante feminista brasileira. Foi professora da Faculdade de Ciências e Letras (FCL, mais adiante incorporada à Universidade Estadual Paulista – Unesp, *campus* Araraquara), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora visitante na Faculdade de Serviço Social da UFRJ.

Telma Bessa: Qual é a metodologia que foi usada durante todo o seu processo de pesquisa? Como nós podemos, a partir da nossa prática, da nossa experiência, da nossa narrativa, do nosso testemunho mesmo, envolver as novas gerações, com rigor científico, com metodologia, para a gente compreender a complexidade que cada vez se torna mais ampla no século XXI e com essa primeira crise do século XXI, que é a que nós estamos vivendo?

Márcia Leite: Olha, Telma, eu privilegiei em toda a minha trajetória profissional a pesquisa qualitativa. Eu sempre tive um pouco essa curiosidade de entender como é que as pessoas estão vivendo a situação à qual elas estão submetidas. Então, normalmente eu utilizei a história de vida, aplicação de entrevistas, observação dos locais de trabalho, observação participante, enfim, um pouco de etnografia, também, essas metodologias que são mais qualitativas. Mas isso evidentemente não significa que eu não tenha usado ou que eu não considere importante as pesquisas quantitativas, é óbvio; na verdade, as duas metodologias se complementam e eu acho que a forma de pesquisa mais rica é aquela em que a gente consegue juntar as duas coisas. Eu estou nesse momento fazendo uma pesquisa para o CLACSO, Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, sobre a implicação da reforma trabalhista de 2017, e agora da pandemia, junto às mulheres trabalhadoras ou as implicações para o trabalho das mulheres. E a gente está fazendo exatamente isso, que eu também já fiz em muitas pesquisas anteriores, que é de juntar os dados sobre o mercado de trabalho, comparar o que aconteceu antes da reforma, o que está acontecendo agora, com as entrevistas que nós fomos fazendo com sindicalistas e agora, nesta última etapa, nós estamos fazendo com as próprias trabalhadoras. E eu acho que a Sociologia é uma ciência que não tem uma causa unívoca. Quando você analisa um fenômeno social, você tem de levar em consideração um conjunto de fatores que interferem nesse fenômeno. A gente nunca tem um problema social, um fenômeno social cuja causa é essa. Você até pode ter uma causa mais determinante, mas há geralmente muitos fatores influenciando ao mesmo tempo. E quanto mais você abre o seu olhar para esse conjunto de fatores e você leva em conta esse conjunto de fatores na sua análise, eu acho que mais próximo da realidade você está.

A gente sempre tem de ter a humildade de entender que a ciência não vai encontrar uma resposta que seja igual à verdade. Ela é uma aproxima-

ção em relação ao real. O que ela descobre não é exatamente a realidade, mas uma aproximação. Então, para ela ser mais próxima da realidade, eu acho que ela, a Sociologia, tem que olhar para esse conjunto de fatores e os fatores sociais estão sempre imbricados, porque um se imbrica com o outro, um está atuando juntamente com o outro e o fato dele estar atuando juntamente com o outro faz com que o outro seja muito mais intenso.

Por exemplo, essa questão que estávamos falando sobre o mercado de trabalho, é importante a gente olhar o gênero, mas também importante a gente olhar a raça, e quando a gente olha a mulher negra, nós vamos ver que ela está numa situação que é extremamente complicada. Em geral, a mulher negra, quando a gente compara salário, não ganha nem 50% do que ganha o homem branco no mercado de trabalho. Então, é óbvio que quando a gente está olhando a desigualdade do mercado de trabalho, nós temos que olhar para o gênero e para a raça. Eu acho que um dos grandes desafios da Sociologia é esse: a gente tem de olhar sempre abrindo o campo de possibilidades, sempre buscando quais são os diferentes fatores que podem estar atuando na determinação de um fenômeno social, na atuação, digamos assim, ou na maneira como aparece ou se manifesta um determinado fenômeno social.

Joannes: Em 2016, foi aprovado o projeto de lei chamado Salão Parceiro (Lei nº. 13.352, de 27 de outubro de 2016). A lei do Salão Parceiro, aprovada pelo Legislativo Federal possibilita que trabalhadores e trabalhadoras de salão de beleza não sejam mais contratados com carteira de trabalho assinada, como se fossem “parceiros” do dono do salão, e aí, esse trabalhador e essa trabalhadora estariam numa posição supostamente de igualdade com o proprietário do salão. Quem são os trabalhadores e as trabalhadoras do salão de beleza? Geralmente são mulheres, pessoas negras, pessoas LGBT, são homens gays, mulheres trans, pessoas pobres, e são elas que, de ime-

Eu acho que um dos grandes desafios da Sociologia é esse: a gente tem de olhar sempre abrindo o campo de possibilidades, sempre buscando quais são os diferentes fatores que podem estar atuando na determinação de um fenômeno social, na atuação, digamos assim, ou na maneira como aparece ou se manifesta um determinado fenômeno social.

diato, foram impactadas pela reforma trabalhista do governo Temer. Fatos como este levam à necessidade de uma nova perspectiva para olhar para o gênero no mundo do trabalho, de modo a ultrapassar o lugar comum da relação entre homens e mulheres?

Márcia Leite: Eu acho, Joannes, que traz uma complexificação, mas que é boa, porque é uma complexificação que leva em conta a realidade. Eu acho que a questão do gênero e da sexualidade é uma questão também a ser analisada porque você tem uma enorme discriminação no mercado de trabalho, seja em relação aos gays, aos trans, enfim, todas as sexualidades que não são entendidas como a ideologia acha que elas devem ser entendidas, assim como acho que a gente deve olhar também para a idade, porque quando a gente pensa na questão da idade, também tem muitas dimensões que são fundamentais para a gente entender a alocação no mercado de trabalho. A batalha dos jovens para entrar no mercado de trabalho é muito grande, o nível de desemprego, por exemplo, dos jovens no mercado de trabalho, é muito grande. A batalha dos seniores (dos idosos) para se manterem no mercado de trabalho também é muito grande. Por que?

Em primeiro lugar, o mercado de trabalho, falando agora da questão da sexualidade, porque o mercado de trabalho é preconceituoso e é isso, quem sai do padrão de sexualidade que é estabelecido como normal é visto com um pé atrás. Então, começa assim: “Ah, eu vou contratar uma trans para atender clientes? Os clientes não vão querer ser atendidos por ela, por ele. Eu vou contratar um gay para fazer... não sei o que... Ah, não, não vai dar”. E começa esse tipo de coisa... “Ah, mas as pessoas não vão aceitar”. Na verdade, quem não aceita é o empregador e ele acha que são as pessoas que não vão aceitar, ele ou ela. Então, existe esse tipo de problema.

E com relação à idade, você vê também uma diferenciação muito grande. Por que? Porque o capital, o empresário, a empresária pensam no trabalhador e na trabalhadora na sua idade de maior produção, que é do final dos 20 anos até o final dos 40, ou seja, um trabalhador jovem de 20 anos, de 22, ele é mal pago. Ele não fica no emprego, é difícil ele conseguir um emprego; aí as pessoas começam a exigir de um jovem de 17, 18, 19 anos que ele tenha experiência. Como ele vai ter experiência se ainda não entrou no mercado de trabalho? E é a mesma coisa em relação à população com mais de 50 anos, que hoje em dia é um absurdo, um absurdo total, porque

hoje em dia uma pessoa com 50 anos tem uma vitalidade muito diferente da que tinha uma pessoa de 50 anos em 1960, 1970. Ela realmente já vivia como um velho ou uma velha. Hoje, já não é mais assim, porque, enfim, as nossas condições físicas mudaram de acordo com a alimentação, com o desenvolvimento da medicina, com tudo isso. Hoje nós vivemos quase 100 anos e uma pessoa com 70 anos pode não ter mais o mesmo vigor físico, mas ela tem uma experiência fantástica, então não deveria ter esse tipo de discriminação em relação a ela, mas ela não está encaixada dentro daquela faixa que é considerada a faixa mais produtiva.

Então, todas essas pessoas que estão fora desses limites, dessas faixas, dessas caixinhas em que a sociedade coloca as pessoas, sofrem, basicamente, discriminação. E eu acho que talvez, eu não sei se é exatamente isso, mas talvez, a tentativa de começar essa flexibilização, de pegar uma categoria, de transformar os e as empregadas em autônomos, microempreendedores, essa coisa que fizeram com os trabalhadores dos salões de beleza, eu acho que talvez pode ter sido por ser um nicho de homossexuais, de transexuais. Acho que isso pode ter sido um fator que fez com que essa categoria fosse escolhida para ser uma das primeiras a sofrer esse tipo de coisas, que agora com a reforma trabalhista de 2017 se espalhou para muitos outros setores. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: como os homossexuais têm uma dificuldade muito maior de lutar, porque eles sofrem uma discriminação que os heterossexuais não sofrem, talvez isso tenha sido um fator. Enfim, eles já são mais pressionados, eles têm mais dificuldade de lutar porque são discriminados. Então, vamos começar por eles. Eles, por conta disso, provavelmente, terão menos condições de oferecer resistência. Vamos começar com eles e ver no que dá, porque isso foi como você bem falou, foi anterior à reforma trabalhista e expandiu para quase todo o mercado de trabalho ao permitir o autônomo exclusivo. O que é isso? O autônomo exclusivo é alguém que trabalha para uma determinada empresa e só para essa empresa porque também é empregado dessa empresa, mas ele pode ser um autônomo em vez de ser considerado um empregado.

Telma Bessa: Então, de fato é de grande complexidade que nós vivemos desde a desconstrução do que nós já construímos, por exemplo, com o direito ao trabalho da empregada doméstica, que nós vimos aqui, foi a primeira vítima da pandemia aqui no Brasil. Que é mulher, que é negra, que

é pobre, então, vem desnudar mesmo o fosso que a gente já dizia desde a década de 1980, a distância abissal que existe entre as classes sociais aqui no Brasil. E professora, eu gostaria que a senhora comentasse um pouco desse avanço, dessas práticas neofascistas, desses atos pontuais, conservadores de fazer um grande discurso para o período de ditadura militar no Brasil e posturas e posicionamentos que elogiam a tortura, que elogiam os torturadores.

Márcia Leite: Eu vou começar respondendo a essa sua questão da seguinte forma: tem um livro, que eu acho que é o último livro do Pierre Dardot e Christian Laval, "*Ce cauchemar qui n'en finit pas*"³ (eu não sei se ele foi traduzido para português. Eu sei que foi traduzido para o espanhol), que traduzindo para português, seria "*O pesadelo que não tem mais fim*". Eu já o vi em espanhol, é "*La pesadilla sin fin*", mas eu nunca vi o livro em português. Em francês ele foi publicado em 2016. É muito interessante esse livro porque ele faz uma reflexão que é a seguinte: o neoliberalismo sofreu uma crise muito forte em 2008/2009, aquela crise que começou a quebrar os bancos etc. e tal, e no início, muitos estudiosos acharam que aquilo já significava o fim do neoliberalismo porque o Estado teve que intervir, ajudando os bancos, criando financiamento para os bancos, dando dinheiro para os bancos, então, isso é totalmente contrário à lógica do neoliberalismo, que significa o Estado mínimo, levando a crer que o neoliberalismo sofreria uma mudança muito grande. Em vez de acontecer isso, segundo o que a gente vê, segundo o que eles analisam de uma forma muito precisa, aconteceu o inverso, o neoliberalismo se fortaleceu. E ele se fortaleceu de uma forma que é assim: o que o Estado fez? O Estado fez o que já fazia durante o período neoliberal anterior, que era favorecer o grande capital, especialmente o capital financeiro, porque o neoliberalismo também corresponde a uma fase de hegemonia do capital financeiro.

Então, na verdade, isso não foi uma ruptura do neoliberalismo, mas sim um aprofundamento do neoliberalismo. Assim é que eles entendem como o mundo saiu da crise de 2008/2009, saiu aprofundando o neoliberalismo, e aí eles vão dizer o seguinte: bom, o que aconteceu? O neoliberalismo, ao se aprofundar passou a exigir do resto da sociedade uma tamanha transferência de renda da sociedade ao capital, basicamente ao

3 DARDOT, Pierre; LAVAI, Christian. *Ce cauchemar qui n'en finit pas*. Paris: La Découverte, 2016.

capital financeiro, ao grande capital de uma forma geral. Ele começou a exigir dos trabalhadores um tamanho sacrifício que não é mais possível garantir a democracia nesse quadro de relações, ou seja, se as pessoas falarem, elas vão começar a dizer o que elas estão sentindo, como é que elas estão trabalhando. Essa coisa do Uber, do trabalho precarizado, das reformas trabalhistas que estão ocorrendo e que ocorreram antes da pandemia no mundo inteiro, não foi só no Brasil, e com o mesmo sentido, no sentido de perda de direitos, de flexibilização. Então, não dá para as pessoas falarem, porque se elas falarem, elas vão reclamar. Ninguém pode estar contente com um sistema econômico que exige tanto do conjunto dos trabalhadores. Então, essa última fase do neoliberalismo que vem pós 2008 é uma fase de aprofundamento do neoliberalismo, que vem acompanhada de uma tendência ao autoritarismo, ou seja, de uma tendência antidemocrática. E não é à toa que o [Donald] Trump, que está nos Estados Unidos, que [Boris] Johnson, que está na Inglaterra, que na Hungria, na Turquia... Enfim, a gente tem em vários países do mundo, alguns deles muito importantes, como os Estados Unidos, a

Inglaterra essa situação que nós também estamos a viver no Brasil. Ela faz parte deste quadro. Eu acho que dá para entender muito bem.

No caso dos Estados Unidos e do Brasil, nós estamos num quadro de autoritarismo muito próximo do fascismo, embora esses governos tenham sido eleitos, em ambos os casos a gente tem um nível de autoritarismo brutal, maior no Brasil, mas nos Estados Unidos a situação também não

Essa coisa do Uber, do trabalho precarizado, das reformas trabalhistas que estão ocorrendo e que ocorreram antes da pandemia no mundo inteiro, não foi só no Brasil, e com o mesmo sentido, no sentido de perda de direitos, de flexibilização. Então, não dá para as pessoas falarem, porque se elas falarem, elas vão reclamar. Ninguém pode estar contente com um sistema econômico que exige tanto do conjunto dos trabalhadores. Então, essa última fase do neoliberalismo que vem pós 2008 é uma fase de aprofundamento do neoliberalismo, que vem acompanhada de uma tendência ao autoritarismo, ou seja, de uma tendência antidemocrática.

é fácil, e eu acho que, na verdade, este último momento que nós estamos vivendo agora, da pandemia, pode ser um momento de inflexão disso, no sentido de que, por exemplo, a gente já viu o [Emmanuel] Macron, que é o Presidente da França, pedindo desculpas, dizendo: “olha, nós não podíamos ter feito com a saúde como nós fizemos, só agora, que chegou essa pandemia é que a gente viu que o sistema de saúde da gente foi desmobilizado”. Chegou a um ponto que a gente não tem condições, num país como a França, que sempre teve um sistema de saúde exemplar, não tem condições de enfrentar a pandemia de uma forma mais eficiente. Então, eu acho que, talvez, eu não sei, vai depender do nosso fôlego de lutar contra isso, mas nós temos aí uma realidade hoje em dia que coloca em xeque o neoliberalismo, porque o que aconteceu, o que está acontecendo no mundo durante esse período de pandemia é uma coisa inédita na história mundial. Quer dizer, nós nunca ouvimos falar de tanta morte assim percentualmente, porque nem a gripe espanhola, do início do século passado, gerou tantos mortos em termos mundiais como essa que a gente está vivendo agora.

Então, isso nos oferece um momento de reflexão, um momento de olhar... Essa forma de organização social não deu conta de um simples vírus, então, talvez... a gente está vendo aqui e ali manifestos de economistas, de filósofos, enfim, de grandes intelectuais da esquerda refletindo nesse momento no sentido de pensar numa outra forma de organização social. Não dá mais para a gente aguentar o neoliberalismo. E eu acho também que há relação desse vírus com esse sistema destruidor, porque o neoliberalismo é isso, está certo que o capitalismo é isso, mas o neoliberalismo é o capitalismo levado às suas últimas consequências, é o capital sem nenhum controle. Então, o capital sem nenhum controle o que faz? Ele destrói as florestas, ele destrói os rios, ele destrói os oceanos, destrói tudo porque ele quer o lucro. Lucro! Lucro agora, aqui, hoje! Então, é isso, destrói as florestas, de repente saem vírus que estavam lá acomodados, que tinham o seu sistema, o seu microssistema ambiental, que sai porque, de repente, perde o seu local de moradia, porque a floresta está sendo destruída e começa a ir para as cidades e aí, de repente, chega um vírus que ninguém nunca conheceu, não sabe como se manifesta e dá nisso. Então são animais selvagens que estão saindo das florestas que estão sendo destruídas, são vírus, insetos etc., e que de repente provoca esse tipo de coisa. E agora o grande capital, o neoliberalismo não se importa com isso.

Então é por isso que o Trump, o Bolsonaro, todos esses governos mais neoliberais são negacionistas em relação à questão ambiental, que é outra questão fundamental para estar presente nas nossas análises hoje, porque é uma questão de sobrevivência, de novo uma questão de reprodução. Nós vamos continuar com a humanidade na face da terra? Não sei, porque o neoliberalismo está destruindo o mundo. É verdade! Não sei se vocês viram hoje um navio na Rússia contaminando as águas com óleo. É um desastre atrás do outro. Então, eu acho que essas questões colocam hoje em dia um questionamento ao neoliberalismo que é muito profundo. Agora, eles estão com o capital nas mãos, eles são o governo no poder, mas eles já estiveram em outros momentos da história e já se conseguiram outras formas de organização social mais equitativas, com mais distribuição de renda. Eu estou me referindo ao final do século XIX, começo do século XX, em que também o liberalismo estava à solta. Foi necessário a crise de 1929, uma crise tão profunda como em 29, e depois a Segunda Guerra Mundial, enfim, um monte de acontecimentos desastrosos, absolutamente desastrosos para a humanidade para que ele fosse vencido, mas foi. Agora, nós estamos vivendo também um acontecimento desastroso de grandes proporções e eu acho que também de uma forma global, mais global mesmo, que esses dois outros acontecimentos históricos aos quais eu estou me referindo, que foi a crise de 29 e a Segunda Guerra Mundial. Porque eles não tiveram essa capacidade de pegar todo o mundo, embora também fossem universais, mas hoje está absolutamente todo o mundo sendo tomado, sendo atingido por esse vírus de forma implacável.

Então, eu acho que isso pode gerar um momento de grande mudança. Mas eu acho que também esse grande capital financeiro neoliberal não vai “largar o osso” se não houver um movimento contrário. Portanto, nós estamos num novo momento de grandes lutas sociais, um momento em que a luta de classes está nas ruas e cabe a nós forçar para que esse movimento consiga realmente refrear essas tendências neoliberais, porque sozinhos, eles não vão se retirar não. Não adianta a gente querer porque não vão!

Joannes Forte: Considerando toda essa tempestade que estamos enfrentando, é possível vislumbrar a abertura de uma alternativa contemporânea para o trabalho, e mais do que para o trabalho, para uma sociedade mais igualitária e mais democrática?

Márcia Leite: Olha Joannes, eu acho que, enfim, você está fazendo uma pergunta que é muito difícil de ser respondida, porque eu não tenho uma bola de cristal, mas eu acho que tem algumas questões, algumas coisas que a gente prevê ou alguns elementos com os quais a gente precisa trabalhar, não é? Eu acho que uma das coisas que os movimentos sociais trazem à tona é o seguinte: se a gente quer um mundo melhor, um mundo com mais igualdade, um mundo com mais distribuição de riqueza, nós temos que olhar para aquilo que está sendo colocado por todos os grupos sociais, especialmente para os grupos sociais dominados, que são aqueles que estão numa situação de exploração ou de dominação neste momento, porque eu acho que a grande dificuldade que a gente tem é que a gente sabe que a gente não quer essa sociedade que está aí, até porque tem um nível de destruição que vai acabar com o planeta, com a vida. Então, não dá para a gente querer a longo prazo apoiar isso. Isso não é possível de ser apoiado porque é a destruição da Terra, da humanidade. Não tem como a gente querer que isso continue por muito tempo.

Agora, quando a gente pensa no que nós vamos querer, a gente só consegue pensar nisso, a gente quer uma sociedade mais equitativa, a gente quer uma sociedade com mais igualdade. Eu acho que a gente vai ter que descobrir que sociedade é essa na luta e no processo de construção, porque nós não temos uma receita e na verdade a história do socialismo nos mostra que o socialismo real também não conseguiu construir alguma coisa diferente. Não estou querendo dizer com isso que não há uma outra possibilidade de um outro socialismo. Sim, há, mas o que eu quero dizer é que historicamente nós não temos um exemplo de socialismo onde se tenha conseguido isso. É isso que estou falando: mais liberdade, mais equidade, mais igualdade e onde todos os grupos humanos, com todas as suas diferenças estejam incluídos, porque nós humanos somos diferentes. Existem brancos, negros, indígenas, asiáticos, gays, trans, existe tudo no mundo e o mundo tem que ter espaço para tudo isso. A nova sociedade, uma sociedade que a gente quer construir com igualdade e com liberdade é uma sociedade onde existe espaço para todas essas pessoas, com todas as diferenças possíveis que elas apresentem, porque são seres humanos e merecem estar aqui, merecem ser felizes como qualquer outro ser. Não existe um com mais direito que o outro ou pelo menos não deveria existir. Então, o que eu acho é que a gente tem que pensar na construção des-

Existem brancos, negros, indígenas, asiáticos, gays, trans, existe tudo no mundo e o mundo tem que ter espaço para tudo isso. A nova sociedade, uma sociedade que a gente quer construir com igualdade e com liberdade é uma sociedade onde existe espaço para todas essas pessoas, com todas as diferenças possíveis que elas apresentem, porque são seres humanos e merecem estar aqui, merecem ser felizes como qualquer outro ser. Não existe um com mais direito que o outro ou pelo menos não deveria existir.

sa nova sociedade juntamente com os movimentos sociais. Eu acho que só o movimento feminista vai poder nos apontar qual é a sociedade ideal para as mulheres. Só o movimento negro vai poder nos apontar qual é a sociedade que os negros querem. Só o movimento LGBT vai poder nos apontar qual é o tipo de sociedade que as pessoas LGBT querem, precisam e necessitam para continuar vivendo e sobrevivendo em boas condições. Só o movimento indígena vai conseguir nos apontar como é que eles precisam ser tratados. E eu acho que só numa articulação de todos esses movimentos sociais é que nós vamos conseguir construir uma sociedade mais equilibrada, mais humana, mais igualitária, com mais liberdade, com mais igualdade.

Telma Bessa: Como é que a senhora percebe esse momento da globalização, que coloca em xeque, talvez, esse neoliberalismo, e se seria uma forma da gente flertar com a organização do Sul global? Como é que a senhora vê isso?

Márcia Leite: A globalização deve ser entendida de distintas formas. Eu acho que o grande problema da globalização é que ela foi uma globalização econômica, quer dizer, ela foi uma globalização de acordo com os interesses do capital. Então, vão tirar todas as fronteiras, o capital pode aplicar aqui, lá, não sei mais onde, usar os trabalhadores da América do Sul para produzir eletrônicos porque eles são mais baratos, enfim, essas cadeias globais de valor. A globalização foi isso. Agora, a globalização nunca foi, por exemplo, uma globalização dos trabalhadores, visto que os trabalhadores africanos que tentam atravessar o Mediterrâneo são impedidos. A palavra de ordem dos governos ali do Sul da Europa é “deixa morrer”. Essa é a globalização econômica. Essa é a globalização do capital. E essa é uma globalização que evidentemente não nos interessa.

Agora, existe uma globalização, se a gente pensar, que é uma globalização que é promovida pelo avanço tecnológico das comunicações. O fato de que hoje eu estou aqui no México conversando com vocês aí em Sobral, não estamos presencialmente, mas estamos conversando como se estivéssemos os três numa sala, isso é uma globalização muito boa. Isso é uma forma de aproximação entre as pessoas e uma forma de possibilidade de aproximação, de comunicação, de transmissão de conhecimento em termos mundiais, que é uma coisa fantástica. Então, eu acho que não dá para a gente colocar tudo dentro da globalização como se fosse ruim. Se a gente separar a globalização econômica de todos esses avanços tecnológicos que permitiram, pelo menos na área de informação, esse progresso que a gente tem hoje, que eu acho que é um grande progresso, realmente, nós vamos ver que são formas de globalização diferentes.

A globalização econômica foi profundamente afetada pela pandemia. Por que? Porque ela foi feita pelo neoliberalismo de acordo com os interesses do capital financeiro e, evidentemente, ela é uma forma de globalização que só interessa ao grande capital, especialmente ao capital financeiro. Então, eu acho que é uma forma de globalização que foi profundamente afetada pela pandemia dos dias atuais. Isso vai ter de ser repensado. Isso está em discussão hoje em dia e é nessa discussão que a gente tem que entrar porque isso está em questionamento por alguns setores da sociedade, mas quando a gente ouve, por exemplo, o [Paulo] Guedes⁴ falar, ele está dizendo que vai continuar o ajuste, ou seja, para sair da crise depois de terminar a pandemia a gente tem que aprofundar o ajuste estrutural, então, enfim, é a mesma cabeça. Vai ser a mesma coisa se o Trump for reeleito nos Estados Unidos. Não é isso que a gente quer.

Existe uma possibilidade, não estou querendo dizer que é uma tendência, é uma possibilidade, de que essa globalização econômica seja questionada e essa possibilidade para nós é muito boa. Ela já vem sendo questionada, não sei até que ponto esse questionamento vai conseguir influir na forma como nós vamos sair da crise sanitária, porque na verdade, esse vírus não deixou ainda nenhum país inteiramente. Não tem nenhum país onde não haja mais casos ocorrendo. Tem uma grande diminuição na Ásia, uma grande diminuição na Europa. Na África, eles estão conseguindo

4 Ministro da Economia durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

controlar, mas não tem nenhum país do mundo onde a gente possa dizer que o vírus não está nesse momento. Então, a crise sanitária não acabou, ela continua aí e o que vai acontecer depois dela, a gente ainda não sabe. O que a gente sabe é que a gente vai ter o grande capital internacional querendo manter essa globalização econômica do jeito que ela era, do jeito que ela sempre foi, especialmente nos últimos anos, por isso tudo que eu falei, do aprofundamento do neoliberalismo com o surgimento de Estados autoritários, essa tendência neofascista que a gente assiste de uma forma tão horrorosa no Brasil. Mas isso vai estar em aberto porque eu acho que existem setores das elites, das classes dominantes que se deram conta de que esse modelo é muito destrutivo e não dá para apoiá-lo, então vai estar em discussão qual é esse mundo que vai sair da crise sanitária ou como é que vamos sair da crise sanitária. Já está em discussão. E aí, eu acho que a globalização econômica vai estar profundamente questionada.

Mas eu acho que não dá para a gente pensar também no mundo como se a gente vivesse na Idade Média porque hoje as comunicações são muito amplas. Felizmente tem um lado muito bom que nos permite ter um contato com os outros países, com as outras culturas, com as outras pessoas, algo que era impensável há vinte anos. Eu me lembro, gente, que em 1995 eu fui fazer um pós-doc na Inglaterra e eu mandava cartas para São Paulo. Já existia e-mail, mas só tinha e-mail quem estava na universidade, as pessoas comuns não tinham. Então, na minha família ninguém tinha e eu escrevia cartas, que levavam 15 dias para chegar em São Paulo. 15 dias! Estou aqui no México e falei com o meu sobrinho hoje, como estou falando com vocês. Então, é uma diferença. E isso faz 25 anos. É disso que estou falando, quer dizer, nos últimos 20 anos, o que as comunicações se desenvolveram é uma coisa fantástica e isso é progresso, isso é uma melhoria para toda a humanidade. Se a gente pensar em termos, por exemplo, do aprofundamento das discussões científicas, isso é maravilhoso. A gente poder discutir o resultado das nossas pesquisas com pessoas noutros continentes, que estão vivendo outras realidades. É uma coisa fantástica!

Telma: Professora, eu fico maravilhada com as suas análises, com a sua trajetória muito inspiradora e, o mais importante, essa vitalidade que nos mostra que ainda estamos começando a caminhar para transformar tudo isso.

Márcia Leite: A gente estava comentando qual era a saída, não é, Joannes? Então, eu falei que eu achava que a única saída possível era construir um modelo de novo mundo em que todos caibam e que todos tenham os mesmos direitos. Estou falando dos brancos, dos negros, dos índios, dos amarelos, dos gays, dos transexuais, enfim, de todo mundo. Um mundo onde haja lugar em que todas as diferenças humanas sejam respeitadas e que isso a gente só vai conseguir construir se a gente se abrir para a discussão com os movimentos, porque assim, só o movimento de mulheres tem condições de dizer o que é que as mulheres necessitam; só o movimento negro tem condições de dizer o que é que os negros necessitam; só o movimento indígena tem condições de dizer o que é que os índios necessitam; só o movimento LGBT tem condições de nos dizer os que elas/eles necessitam, enfim, um grande pacto, como foi o pacto pós-guerra. Um grande pacto em que todos estejam inseridos. Só que o pacto pós-guerra foi entre trabalhadores e empregadores e não incluiu as mulheres, não incluiu as pessoas LGBT, não incluiu os negros, enfim, foi um pacto muito mais limitado, muito mais restrito, mas eu vejo que essa é a possibilidade, digamos, da construção de um mundo novo que a gente tem pela frente e aí eu encerro a entrevista. Eu acho que essa possibilidade está colocada, se a gente vai conseguir ou não construir esse novo mundo é uma coisa que só a história vai nos dizer se será possível. Nós não temos uma bola de cristal, mas eu acho que esse é o caminho. Esse é o caminho!

[...] nos últimos 20 anos, o que as comunicações se desenvolveram é uma coisa fantástica e isso é progresso, isso é uma melhoria para toda a humanidade. Se a gente pensar em termos, por exemplo, do aprofundamento das discussões científicas, isso é maravilhoso. A gente poder discutir o resultado das nossas pesquisas com pessoas noutros continentes, que estão vivendo outras realidades. É uma coisa fantástica!

Joannes Forte: Muito obrigado, professora Márcia Leite! Sigamos!

Entrevistadores

Cosma Silva de Araújo - Graduada em História- UVA. Mestre em História e Culturas- UECE. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará - UAB. Servidora pública.

Fannuel Santos Mesquita - Graduado em História-Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Joannes Paulus Silva Forte - Graduado em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2004), em Ciências Sociais na modalidade Bacharelado pela UFC (2004), mestre em Sociologia pela UFC (2008) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2019) com cotutela no Département Droit, Intervention Sociale, Santé, Travail (DISST) do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM-Paris-França). É Professor Adjunto J da Universidade Estadual Vale do Acaraú. É docente do quadro permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), na associada UEVA.

Viviane Prado Bezerra - Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (Dinter UFF/URCA). Mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas de História Oral do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, atuando nos campos de pesquisa de História Social, com ênfase em Movimentos Sociais, Camponeses, História das Mulheres, História Oral e História da Educação.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 274 páginas e em e-book formato pdf.
Maio de 2024.

Série
Território
Científico

Editora
**SERTÃO:
CULT**
10 anos

Uberização, gênero, trabalhadores tradicionais, trabalhadores da terra, o sindicalismo, desigualdades, diálogo, pesquisa, capitalismo, empatia. Cada uma destas palavras-chave é fundamental para aqueles que têm interesse pelos estudos acerca do mundo do trabalho. Mais ainda: são temas fundamentais para cada um de nós, trabalhadores, inseridos em uma sociedade em constante transformação, nem sempre (ou quase nunca) para melhor.

Pensando nisso, a série Território Científico uniu neste seu 5º volume entrevistas com 11 pesquisadores que se dedicam há anos ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Para melhor conhecermos nossa sociedade, nada melhor do que conhecermos aquilo que a move: o trabalho. Por isso convidamos vocês, caros leitores, a refletirem conosco sobre nossa realidade, que é primeiro passo para que possamos tornar essa transformação mais justa.

ISBN 978-655421130-7



9

786554

211307

Editora **SERTÃO:
CULT**